

Currículo Educacional em Escolas Ribeirinhas de Parintins/AM

Hugo Levy da Silva de Melo¹
Roberto Greco²

RESUMO:

A educação ribeirinha será refletida, não somente a partir do espaço escolar, mas através das outras instâncias que fazem parte desse processo. Dentre as breves considerações sobre o currículo, objetivamos compreender a educação e a aplicação curricular nas escolas de áreas ribeirinhas de Parintins com uma análise das problemáticas e particularidades dessas escolas. Empregou-se uma metodologia de cunho qualitativo através de revisões bibliográficas para nos embasar nas discussões. Essas reflexões nos levam a aprofundar ainda mais questões ligadas a uma educação ribeirinha e uma mudança nos currículos trabalhados nessas escolas na busca de afirmar um direito a educação e dignidade.

Palavras-chaves: Escola Ribeirinha. Currículo. Cultura.

ABSTRACT:

Riverside education will be reflected, not only from the school space, but through other instances that are part of this process. Among the brief considerations about the curriculum, we aim to understand education and curriculum application in schools in riverside areas of Parintins with an analysis of the problems and particularities of these schools. A qualitative methodology was used through bibliographic reviews to support the discussions. These reflections lead us to deepen even more questions related to a riverside education and a change in the curricula worked in these schools in the search to affirm a right to education and dignity.

Keywords: Riverside School. Resume. Culture.

Introdução

Estudos sobre conteúdos curriculares principalmente das escolas de campo vêm assumindo importante preocupação dos especialistas em educação que veem nessas escolas um grande potencial cultural e social. Entendemos que a discussão no campo curricular sobre sua aplicabilidade nas comunidades ribeirinhas exige uma compreensão dialética e plural, ou seja, a educação na Amazônia precisa ser repensada nos seus múltiplos enfoques e aspectos, já que os modelos curriculares utilizado nas áreas urbanas não correspondem às necessidades das comunidades o que agrava e dificulta o repasse do ensino de forma clara e objetiva.

A Amazônia e sua rica heterogeneidade carecem ser consideradas nas propostas e políticas curriculares a serem apresentadas para a região, principalmente no que se referem à educação. Muitas das peculiaridades que caracterizam as escolas ribeirinhas não têm sido trabalhadas e nem analisadas com relação às políticas curriculares educacionais

¹ Doutorando, Instituto de Geociência – UNICAMP, Campinas/SP.

² Professor, Instituto de Geociência – UNICAMP, Campinas/SP.

implantadas no país. O que nos deixa o sentimento de que existem inúmeros desafios que devem também ser enfrentados para a melhoria da qualidade da educação ribeirinha.

Dessa forma, através de uma base teórica buscamos fazer breves reflexões sobre o currículo das escolas ribeirinhas de Parintins, com uma análise breve sobre o currículo teoricamente descrito. E através dessa base discorreremos os principais problemas enfrentados na produção e organização de um currículo voltado para as escolas ribeirinhas, tendo em vista que um currículo se organiza de forma consistente através de múltiplas relações, sociais, culturais, políticas e uma relação de trocas de saberes entre professores e alunos para solidificar a base de um novo currículo.

Breves reflexões sobre o currículo

Normalmente atribuímos às problemáticas que abrangem o currículo aos comportamentos didáticos, políticos, administrativos e econômicos, porém é necessário um olhar minucioso no que se refere a uma prática curricular e a complexidade em que a mesma está envolvida, pois a uma necessidade de mudanças e transformações sociais.

Para entendermos a respeito do currículo das escolas ribeirinhas, é necessário compreendermos os conceitos e o processo históricos pelo qual o currículo escolar transcorreu podendo assim nos proporcionar uma melhor visão sobre o que é apreendido através do currículo oficial e o que é vivenciado pelos estudantes ribeirinhos em seu cotidiano.

Quando trabalhamos a conceituação de currículo muitos teóricos assemelham ou divergem seus pensamentos, porém o que se torna claro é que esta discussão no âmbito pedagógico é de caráter recente.

Medeiros (2010, p.88) afirma que:

O conceito de currículo é passível de múltiplas interpretações e perspectivas, já que sua construção está intimamente referenciada ao sujeito em processo de aprendizagem e ao universo de conhecimento. Nesse sentido, o currículo não é como normalmente se pensa uma relação de disciplinas, um rol, uma lista de coisas. O currículo é uma construção cultural e, igualmente, é um conceito concreto.

Em consonância com o autor supracitado, Sacristán (2000) analisa que o currículo não é um conceito, mas uma construção cultural. Isto é, não se trata de um conceito abstrato que tenha algum tipo de existência fora e previamente à experiência humana, ou ser entendido somente como um documento didático, seu aspecto é muito maior e abarca

inúmeras características que se desenvolve no campo educacional e social respectivamente, produzindo dessa relação uma organização das experiências vivenciadas em prol da prática educativa.

É lamentável que os modelos escolares e curriculares continuem sendo dissociado da aprendizagem experiencial dos discentes, de acordo com a expressão de Grundy (1987), o currículo não pode estar fora e nem prévio as experiências humanas, pois as muitas experiências vivenciadas são recursos de liberdade cultural e de um caráter crítico desenvolvido de forma individual por cada um. Para Sacristan (2000), esse afastamento se deve à própria seleção de conteúdo dentro do currículo e a ritualização dos procedimentos escolares esclerosados na atualidade.

Os modelos curriculares trabalhado nas escolas atualmente não correspondem amplamente às necessidades educacionais tanto nas cidades quanto nas escolas ribeirinhas, visto que há inúmeras mudanças sociais e culturais e as escolas não acompanham essas transformações e evoluções. É de fundamental importância que as escolas se tornem aliadas de uma educação completa com atrativos sociais e culturais evitando uma escolaridade paralela bastante praticada as escolas de áreas urbanas. Essa dissociação da cultura é bastante visível em escolas ribeirinhas, pois o currículo escolar urbano deslocado para áreas de escolas de campo e ribeirinhas não servem como motivadores ou atrativos para os alunos ocorrendo um índice de desinteresse e desistência das escolas. Torna-se, portanto, necessário que a escola repense sobre sua função no processo de desenvolvimento do ser social, pois o mito que a escola era a única fonte de conhecimento e de cultura para o desenvolvimento do ser humano já está bastante ultrapassado.

Rule (1973) descreve o currículo como experiências humanas organizadas para a prática educativa e que se diferenciam através dos objetivos e da forma expressada no programa da escola. Mediante a esta afirmação, compreender o currículo através das sistematizações e experiências vivenciadas pelos alunos nos leva a relacionar à tradição cultural a reflexão de um contexto social, pois esse processo de aprendizagem distribui os conhecimentos concretos, reais e críticos, fazendo com que os discentes se tornem agentes construtores do processo educacional, onde os mesmo se vejam como parte crucial deste e não somente como meros telespectadores.

Dessa forma propomo-nos a refletir se o atual sistema de ensino básico nas escolas ribeirinhas em Parintins tem sido capaz de proporcionar ou incentivar o aluno a se desenvolver na sua totalidade tornando - o detentor de conhecimentos que os tornem

sujeitos críticos no processo de aprendizagem. E se o currículo escolar trabalhado em seu amplo aspecto tanto urbano como de escolas ribeirinhas tem levado não somente conhecimentos teóricos, mas aproveitado as habilidades práticas adquiridas pelos alunos em seu cotidiano.

Escolas ribeirinhas, currículo e desafios

Quando trabalhamos as questões escolares devemos descrever a escola não somente como espaço de ensinar, mas como espaço de relações de conhecimentos e de relações socioculturais evidenciando suas múltiplas realidades vivenciadas nas comunidades ribeirinhas e que fazem parte dos saberes, discussões e entendimento do lugar, Cavalcante (2012) descreve a escola como um lugar cultural e que desenvolve ações sociais, econômicas, culturais e ambientais, como processo contínuo da construção do conhecimento.

Esse processo se faz presente nas escolas ribeirinhas do município de Parintins, e estão expressos nas inúmeras atividades diárias, desde seu caminhar para a escola, nas remadas, na busca do alimento através da pesca, no banho a beira do rio, até mesmo nas histórias e lendas contadas por familiares ou moradores. São estes conhecimentos tradicionais descritos por Souza (2013), que construídos ao longo de suas vidas poderiam ser propulsores para uma construção de uma escola com um currículo voltado para a realidade local de cada comunidade ribeirinha como uma leitura do cotidiano.

É justamente na construção ou na elaboração dos modelos e das propostas curriculares, que se define que tipo de sociedade e de cidadão se quer construir, no entanto, tais planos ou propostas são formuladas, de forma muito pré-estabelecida, e não consideram qualquer perspectiva de contextualização, desconsiderando os saberes locais e não científicos.

Quando nos referimos a mudanças curriculares para escolas ribeirinhas e que são prevista na LDB em seu artigo 28 a questão de “adaptações necessárias a uma adequação as peculiaridades da vida rural e de cada região”. Essas adaptações como assevera Lima (2011, p.136) “supõe ação a partir de algo já elaborado (uma matriz) para algo ainda inexistente”, ou seja, o currículo urbano com mudanças para o rural para que o mesmo atendesse as particularidades muitas vezes desprezadas, o que nos leva a uma reflexão de Hage (2005, p.53) que diz:

A concepção urbanocêntrica de mundo dissemina um entendimento generalizado de que o espaço urbano é superior ao campo, de que a cidade é o lugar do desenvolvimento, da tecnologia e do futuro, enquanto o

campo é entendido como lugar de atraso, da ignorância e da falta de condições mínimas de sobrevivência.

Nessa lógica, Lima (2011) argumenta que se o espaço urbano é superior ao campo, sendo o lugar do desenvolvimento, só resta ao campo, “lugar de atraso”, e seguir as diretrizes de quem tem o que oferecer no caso a cidade. Entretanto, é preciso olhar o campo, as áreas ribeirinhas além de um perímetro não urbano, mas como um campo de possibilidade no qual se tem histórias, saberes, sentimentos e cultura, que buscam aprender, mas também tem o que ensinar.

Porém há inúmeros desafios a serem vencidos para o desenvolvimento de uma educação ribeirinha e um currículo que abarque as necessidades dessas escolas. Poderíamos descrever inúmeros problemas como uma infraestrutura precária nas escolas, a sobre carga de trabalho dos professores, falta de acompanhamento pedagógico e das principais secretarias de educação, entre outros. Mas o que nos chama a atenção e que faz parte do discurso até aqui exposto é o currículo desarticulado da realidade das escolas ribeirinhas, pois em sua maioria são currículos trabalhados nas áreas urbanas, deslocados para as comunidades que em sua grande maioria trabalha com escolas multisseriadas, inibindo o trabalho dos professores de se organizarem e assim cumprirem as metas curriculares impostas e que não correspondem com a realidade, à vida e a cultura das comunidades ribeirinhas.

A educação ribeirinha faz parte de um universo amplamente cultural, fruto de inúmeros sujeitos, em que cada um tem seus próprios pensamentos, diversidades e saberes. Dessa maneira, podemos idealizar que currículo e cultura assumem um caráter pluralista. O currículo é de fato algo que se constrói como afirma Sacristán (2000) não é concreto e único, assim os currículos de escolas ribeirinhas não podem ser visto de forma indiferente dos contextos, pois os mesmos se concretizam em realidades diversas, em um universo de influência mútua cultural e social.

Moreira (2007) assevera que a pluralidade cultural do mundo em vivemos não pode ser negada, já que a mesma se manifesta em todos os espaços sociais, inclusive nas salas de aula. E que esta pluralidade frequentemente acarreta conflitos cada vez mais agudos a serem enfrentados, no entanto o autor assegura que “essa mesma pluralidade pode propiciar o enriquecimento e a renovação das possibilidades de atuação pedagógica” (Idem, 2007 p.20).

Os professores das escolas ribeirinhas de Parintins não conseguem reorganizar um currículo para ser trabalhado em suas comunidades, pois seu tempo para essa construção é totalmente voltado para o ato de ensinar e planejar suas aulas, seu tempo se encurta ainda mais a ponto de criar uma dependência dos comunitários como fornecedores de alimentos, moradias e outras necessidades. Contudo, Moreira (2007, p.19) afirma que:

O papel do educador no processo curricular é, assim, fundamental. Ele é um dos grandes artífices, queira ou não, da construção dos currículos que se materializam nas escolas e nas salas de aula. Daí a necessidade de constantes discussões e reflexões, na escola, sobre o currículo, tanto o currículo formalmente planejado e desenvolvido quanto o currículo oculto.

Sendo assim, as mudanças curriculares das escolas ribeirinhas de Parintins devem ser pensadas, (re) construídas por professores, mas não somente por estes, mas em conjunto com os estudantes, pais, comunitários e demais sujeitos participantes das relações sociais como meio de valorização do lugar onde vivem.

No entanto, podemos visualizar na fala de Souza (2013) que esta relação não chega a ser estabelecida quando o autor discorre que esta é constantemente quebrada nas escolas ribeirinhas de Parintins, pois a secretaria de Educação faz o remanejamento constante dos professores para que os mesmos não criem vínculo com a comunidade como estratégia política e partidária para não trabalharem o processo educativo politizador e caracterizador da autonomia do pensar e agir dos comunitários.

O ribeirinho, o povo da floresta, alunos, professores, aprendem e reaprendem inúmeros saberes. Conhecem as marés do rio que enche e vaza, sabem que o solo da Amazônia é rico graças às folhas e aos animais que auxiliam no processo de adubamento da floresta, conhecem o período de plantar e semear os frutos entendem a geografia que os rodeia através do rio, trazem como grande conhecimento e fortalecimento cultural os pensamentos de seus antepassados, em seus jeitos de andar, falar, questionar e mostrar seus saberes amazônicos.

São estes e outros conhecimentos que não devem ser ignorados e sim incorporados pelo currículo educacional das escolas ribeirinhas, mas esse processo de construção curricular ribeirinho caminha em passos lentos, frente às dificuldades desde suas infraestruturas, as políticas públicas para a educação, até a aproximação do professor com seus alunos e suas realidades. Por muitas vezes, o erro de não perceber o aluno como portador de cultura é vivenciado pelos professores ao repassarem conteúdos alheios a cultura ribeirinha sem a devida articulação ou diálogo com os saberes da comunidade.

Observa-se que há a necessidade de um diálogo entre os sujeitos envolvidos para estreitarem os laços de uma sociedade que ensina, mas também se modifica e se reorganiza na busca de melhorias para a educação.

Considerações Finais

Não se pode construir um currículo entre muros e paredes de uma escola, sua formação vem de uma reflexão social, cultural e das realidades locais onde se aplicam. A educação ribeirinha não deve ser pensada somente como adaptação de conteúdos a sua realidade, mas como uma análise das problemáticas vivenciadas, fatores culturais e sociais. O currículo de escolas ribeirinhas é um campo de possibilidades, embora o conhecimento cultural seja negligenciado na escola, esse fator continua a exercer sua função diariamente na vida das crianças.

A elaboração curricular deve conter parcerias de todos os sujeitos envolvidos, pois a construção coletiva de um currículo estabelece uma ponte entre o local e global, facilitando o desenvolvimento e compreensão educacional. O currículo é fruto de discursos diferenciados, é uma representação simbólica de espaços de escolhas, é antes de tudo um campo de diferentes produções, resultados, tratamentos e significados. Reforçamos assim que a dinâmica da construção curricular necessita de uma relação entre currículo, cultura e sociedade.

Reafirmamos através de tudo quanto aludido, a construção de uma educação onde não se ignore as diferenças culturais, a cor, a localidade e as tradições, mas que se descolonizem os conhecimentos a favor de uma educação potencializada e diversificada culturalmente, que reconheça não somente os saberes dos livros e dos professores, mas que leve em conta os saberes tradicionais de cada povo, e de cada ribeirinho. O currículo das escolas ribeirinhas, não somente de Parintins, mas de todas as escolas vistas a partir dessas novas referências e reflexões, não pode ser observado somente como um desafio, mas como uma exigência atual e futura de uma educação comprometida com o processo de desenvolvimento social.

Referências

RELEM – Revista Eletrônica Mutações, janeiro-julho, 2021

©by Ufam/Icsez

CAVALCANTI, Lana de Souza. O ensino de geografia na escola. Campinas, SP: Papirus, 2012 - (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).

GRUNDY, S. Curriculum. The Falmer Press, 1987.

HAGE, Salomão A. Mufarrej. Classes multisseriadas: desafio da educação rural no estado do Pará/Região Amazônica. In: HAGE, Salomão A. Mufarrej (Org.). Educação do campo na Amazônia: retratos da realidade das escolas multisseriadas no Pará. Belém: Gráfica e Editora Gutemberg Ltda, 2005.

LIMA, Natamias Lopes de. Saberes culturais e modos de vida de ribeirinhos e sua relação com o currículo escolar: um estudo no município de Breves/PA. Belém: UFPA, 2011. 158f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Educação, 2011.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.48 p.

MEDEIROS, Lucy Satyro de. O CURRÍCULO ESCOLAR DE GEOGRAFIA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: Um Olhar para a Prática Pedagógica do Professor de Geografia. João Pessoa, 2010. 230f. Dissertação apresentada à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGG, da Universidade Federal da Paraíba UFPB.

RULE, I. Curriculum. Tese de doutorado New York University, 1973.

SACRISTAN, Gimeno. O Currículo, uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

SOUZA, José Camilo Ramos de. A Geografia nas Escolas das Comunidades Ribeirinhas de Parintins: Entre o Currículo, o Cotidiano e os Saberes Tradicionais. São Paulo: USP, 2013. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Física do Departamento de

RELEM – Revista Eletrônica Mutações, janeiro-julho, 2021

©by Ufam/Icsez

Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.